

## O SUÉTER

PAMELA ALBEE

Era tarde demais quando me dei conta de meu erro. Eu fora de tal forma tomada pela dor diante do rápido declínio e morte de meu pai, que não parara para pensar em como a sua morte afetaria minha filha.

Papai havia passado meses reclamando de uma dor no ombro, "um nervo pinçado" - foi o que achamos. Quando adoeceu durante as férias e foi diagnosticado com um câncer primário e progressivo na próstata, todos ficamos chocados.

Meu pai era uma dessas pessoas especiais que nasceu com um brilho nos olhos. Jamais conheci alguém que não pensasse um mundo de coisas boas a seu respeito. Crianças pequenas, em particular, sentiam-se atraídas por ele como formiguinhas por mel. Ele juntava as mãos e sorria com tanta alegria, que a criançada se aproximava correndo. Durante uma visita à minha irmã, na Irlanda, ensinou a molecada do vilarejo a jogar futebol americano. Era frequente as crianças irlandesas passarem pela casa à noite para perguntar: "Será que o vovô pode sair para brincar com a gente?" Assim, não era nenhuma surpresa que ele fosse especialmente próximo de minha filha Jodi, de cinco anos, a última dentre todos os netos que continuou a morar perto dele, nos Estados Unidos. Os dois viviam dando risadinhas e gargalhadas juntos, durante horas, inventando histórias e alimentando animais de mentirinha no quintal.

Quando encontraram o câncer de meu pai, já havia se espalhado para os ossos e, a partir daí, tudo aconteceu rapidamente. Quando íamos visitá-lo, Jodi sentava-se quietinha ao seu lado na cama e fingia ler para ele - as brincadeiras barulhentas haviam ficado para trás. Eu lhe explicara que o vovô estava muito doente e que não podia mais brincar com ela como antigamente, mas era difícil para sua cabecinha de cinco anos compreender.

Perto do final, eu já não levava Jodi comigo por não querer que ela se assustasse com a aparência do avô, com a expressão de dor e de sofrimento no rosto daquele homem vital que todos tanto amávamos.

Depois que ele morreu, fiquei sem saber se Jodi compreendia o caráter definitivo da morte ou se achava que o vovô estava fora da cidade, "de férias". Mas, com o passar das semanas, ela foi ficando muito quieta e retraída, chorando com frequência por motivos que eu achava estranhos.

Certa noite, sentei-me com ela no colo e acariciei seus cabelos, suavemente.

- Você me parece muito triste, meu docinho - disse eu. Quer me dizer o que há de errado?

Ela passou alguns minutos em silêncio e, a seguir, pôs-se a soluçar.

- Eu não consegui me despedir do vovô.

Naquele momento eu me dei conta de que, apesar de meus bons propósitos, eu havia cometido um erro.

Através de uma nuvem de lágrimas mútuas, ficamos sentadas juntas, uma embalando a outra, e conversamos sobre o vovô e sobre todos os momentos maravilhosos passados com ele.

- Você quer dizer adeus para o vovô agora? - perguntei.

Ela olhou para mim como se eu fosse só um pouquinho esquisita.

- Feche os olhos. Agora imagine o rosto do vovô bem à sua frente.

Quando ele sorrir, você pode falar com ele.

De repente, um imenso sorriso invadiu seu rosto.

- Ele está sorrindo tão grande para mim!

- Então diga a ele o que você quiser.

- Vovô - começou ela -, eu amo você e sinto muito a sua falta. Quero me despedir de você. Tchau, vovô.

Então me lembrei dos mimos que pegara para mim quando minha mãe empacotou as roupas de papai. Pedi a ela dois de seus suéteres velhos confortáveis, aqueles com os quais ele gostava de ficar em casa nos fins de semana. Fui pegar os dois suéteres azuis e dei um a Jodi.

- Estes são os suéteres especiais do vovô. Quando estivermos tristes ou com saudades dele, é só vestir para senti-lo nos abraçar.

Nós duas choramos enquanto cada uma vestia o seu suéter.

Então eu a segurei nos braços enquanto adormecia. Pela primeira vez em semanas ela parecia estar em paz, com um discreto sorriso no rosto.

Os dois suéteres foram muito usados através dos anos.

Muitas vezes, quando Jodi estava com algum problema, retirava-se para o quarto. Quando, mais tarde, eu ia verificar se estava tudo bem, era normal encontrá-la deitada na cama envolta no suéter azul do vovô - dormindo pacificamente com a mais sutil insinuação de um sorriso no rosto.

Hoje Jodi tem dezoito anos e ainda adora usar o suéter do avô. De alguma maneira, sempre lhe cabe perfeitamente. E sabem por quê? Porque é do tamanho de um abraço.